

# A EFICÁCIA DA INTERVENÇÃO TERAPÊUTICA FONOAUDIOLÓGICA NOS DISTÚRBIOS DO ESPECTRO AUTÍSTICO

Ana Carina Tamanaha; Jacy Perissinoto; Brasília Maria Chiari  
Departamento de Fonoaudiologia - Universidade Federal de São Paulo

Palavra chaves: Transtorno Autístico; Terapia de Linguagem, Ensaio Clínico Controlado

## INTRODUÇÃO

Nos Distúrbios do Espectro Autístico são descritas inúmeras manifestações, entretanto julgamos importante ressaltar as dificuldades na área da comunicação, pois estas ocasionam um impacto significativo na inserção social e cultural dos indivíduos.<sup>(1,2)</sup>

Nas últimas décadas a intervenção terapêutica fonoaudiológica, em especial a direta cuja característica é o atendimento direcionado para as habilidades e inabilidades de cada criança, tem sido enfatizada como um modo de adequação social do comportamento comunicativo.

O objetivo deste estudo foi verificar a eficácia da intervenção terapêutica fonoaudiológica para os quadros de Distúrbios do Espectro Autístico.

## METODOLOGIA

*Desenho do Estudo:* Ensaio clínico piloto. (CEP nº1570/05).

*Amostra:* 11 meninos, de 4 a 10 anos, diagnosticados por equipe multidisciplinar, com Autismo Infantil (6) e Síndrome de Asperger (5)<sup>(1)</sup>; e atendidos no Laboratório de Investigação Fonoaudiológica - Transtornos Globais do Desenvolvimento do Departamento de Fonoaudiologia da UNIFESP e matriculados em escolas públicas. Todos apresentavam Retardo Mental de grau leve a moderado<sup>(3)</sup> e quociente social classificado nas categorias normal-leve-moderado ou severo-profundo.<sup>(4)</sup> Como critério de inclusão considerou-se o diagnóstico multidisciplinar, escolaridade, ausência de outras comorbidades e adesão mínima de 70% ao estudo.

*Procedimentos:* As crianças foram divididas aleatoriamente em dois grupos: seis crianças em atendimento terapêutico direto e indireto (Grupo GT) e cinco apenas em atendimento indireto (Grupo GO).

As mães do GT participaram das sessões de atendimento (48) e assim como as mães do GO, receberam orientações, quanto à estimulação de linguagem em quinze sessões, sem a presença das crianças.

Todas as crianças e famílias foram atendidas pela mesma fonoaudióloga para garantia da vinculação e confiabilidade na execução dos procedimentos.

Utilizamos as partes do ASIEP-2<sup>(5)</sup> com propósito diagnóstico em três momentos: início de intervenção (tempo 0), após seis meses (tempo 1) e ao final de 12 meses (tempo 2).

Parte 1: Autism Behavior Checklist (ABC/ICA) traduzido e pré-validado para Língua Portuguesa por Marteleto (2003)<sup>(6)</sup> é uma listagem de comportamentos não adaptativos (57) divididos nas áreas: Sensorial, Uso do Corpo e Objeto, Linguagem, Social-Pessoal e Relacional. Foi aplicada pela fonoaudióloga sob forma de entrevista, para minimizar os eventuais efeitos da escolaridade das mães.

Parte 2: Avaliação do Comportamento Vocal (ACV/SVB) analisa a comunicação verbal e pré-verbal pelos parâmetros: Extensão Média; Caracterização da Fala (quantidade de emissões atípicas) e Faixa da Linguagem (emissões típicas).

Parte 3: Avaliação da Interação (AI/IA) contempla respostas sociais da criança frente ao adulto nas situações: Interação; Independência; Sem Resposta; Negação e Escore Social.

Os dados das re-avaliações foram analisados por dois observadores cegos e para concordância entre as medidas utilizamos o Coeficiente de Correlação Intraclasse.

*Método Estatístico:* Para análise descritiva foram construídas tabelas contendo estatísticas descritivas entre grupo e tempo. Para análise inferencial estabeleceu-se nível de significância de 5%. Adotamos a ANOVA com o objetivo de se verificar o efeito de grupo, quociente social e tempo. Quando a ANOVA apontou efeito significativo o Método de Bonferroni foi usado.

## RESULTADOS

Nas tabelas 1 podemos observar as estatísticas descritivas dos escores total e de cada área do ABC/ICA.

Tabela 1 – Estatísticas descritivas para os escores nas áreas do ABC/ICA, por grupo, nos três tempos.

Tempo (mês)	Grupo	Média Total	Média SE	DP	Média CO	DP	Média LG	DP	Média PS	DP	Média RE	DP
T0 (0)	GT	125	22,3	2,6	24,3	14,7	22,5	6,4	19,8	5,0	35,2	3,4
	GO	102	17,6	8,1	27,4	14,8	17,0	6,4	16,8	5,3	25,0	13,7
T1 (6)	GT	96	16,0	4,9	20,3	11,9	21,5	7,0	15,2	4,7	22,7	6,6
	GO	94	15,4	7,6	25,2	14,0	15,4	5,1	16,6	3,8	24,0	12,9
T2(12)	GT	86	13,7	5,6	16,5	11,2	17,8	8,8	15,3	3,3	22,7	9,6
	GO	79	12,6	5,6	17,2	10,8	14,0	6,0	15,6	5,2	22,0	15,7

Na análise inferencial houve decréscimo significativo entre os tempos no GT e apenas entre 1 e 2 no GO ao considerarmos os valores totais. Verificamos diferença entre os grupos apenas no tempo0 ( $p=0,000$ ), sendo a média maior no GT. Houve diferença significativa, com médias maiores na categoria Severo-Profundo, nos valores totais e em todas as áreas, em ambos os grupos.

Nas áreas Sensorial, Linguagem, Pessoal-Social, Relacional ocorreram decréscimos significantes nas médias entre os tempos 0 e 1, em ambas as categorias do quociente social. Na área do Uso do Corpo e Objeto houve diferença estatisticamente significativa entre os tempos 1 e 2, especialmente na categoria Normal-Leve-Moderado.

Na Tabela 3 temos as estatísticas descritivas para os itens que compõem a Avaliação da Interação e na Tabela 4 os itens da Avaliação do Comportamento Vocal.

Tabela 3- Estatísticas descritivas do Escore Total (ET), Interação (INT), Independência (IND), Sem Resposta (SR) e Negação (NG), por grupo nos três tempos

Tempo	Grupo	N	Média ET	DP	Média INT	DP	Média IND	DP	Média SR	DP	Média NG	DP
0	GT	6	37,2	28,3	20,5	17,9	17,5	10,7	9,70	11,9	0,3	0,80
	GO	5	47,6	32,0	16,6	18,3	9,00	11,1	16,2	16,3	6,2	12,8
1	GT	6	20,5	25,4	33,7	16,6	8,20	9,40	6,20	9,5	0,0	0,0
	GO	5	41,2	30,5	20,6	17,1	11,0	12,8	13,8	16,4	2,4	5,4
2	GT	6	16,3	19,3	35,2	15,5	8,30	10,4	3,50	4,20	1,0	2,50
	GO	5	38,8	25,2	20,4	16,2	10,4	8,60	11,2	9,60	6,0	10,8

No Escore Total houve decréscimo das médias no decorrer do tempo ( $p=0,058$ ). No item Interação a média no tempo1 foi maior que no tempo0 ( $p=0,030$ ). No item Independência foi detectado decréscimo significativo das médias entre os tempos 0 e 1 no GT. Nos itens Sem Resposta e Negação não foram detectados efeitos de grupo ( $p=0,365$ ), quociente social ( $p=0,322$ ) ou tempo ( $p=0,215$ ).

Tabela 4 - Estatísticas descritivas da Avaliação do Comportamento Vocal: Extensão Média (EM), Caracterização da Fala (CF) e Faixa da Linguagem (FL) nas três avaliações, em ambos os grupos.

Tempo	Grupo	N	Média EM	DP	Média CF	DP	Média FL	DP
0	GT	6	1,8	1,0	38,5	21,12	85	49,5
	GO	5	0,9	1,3	7	8,43	56,6	74,8
1	GT	6	1,9	1,1	20,5	16,68	111,3	49,1
	GO	5	1,0	1,3	17,6	22,5	68	74,2
2	GT	6	1,8	0,8	35,8	60,4	119,7	47,3
	GO	5	1,0	1,3	22,4	30,9	73,8	69,2

Na aplicação da ANOVA aos dados da Extensão Média e da Caracterização da Fala, não foram detectados efeitos de grupo, tempo, quociente social e suas interações. Na análise da Faixa de Linguagem foi detectado efeito de tempo ( $p=0,002$ ). Pelo método de Bonferroni a média no tempo1 foi maior que tempo0 ( $p=0,026$ ) e a média no tempo2 foi maior que no 1 ( $p=0,030$ ).

## DISCUSSÃO

Na análise dos valores totais do ABC/ICA, ao considerarmos apenas as médias, verificamos que houve tendência de melhor desempenho do GT ao longo dos três tempos. A análise inferencial confirmou estes achados. No GO, foi detectada diferença estatisticamente significativa entre as médias apenas no último semestre. Houve diferença entre as médias nos dois grupos apenas no tempo zero, sendo maior no GT.

Analisando as áreas do ABC/ICA verificamos novamente, tendência de melhor desempenho do Grupo GT e maior extensão e velocidade do processo evolutivo nas áreas Sensorial, Linguagem, Pessoal Social e Relacional.

Na Avaliação da Interação houve tendência de decréscimo dos valores do Escore Total, ao longo do tempo, em ambos os grupos. Nos itens Interação e Independência detectamos diferença significativa entre as médias no primeiro semestre, em ambos os grupos. Verificamos melhor desempenho do Grupo GT em todos os itens, inclusive em Sem Resposta e Negação.<sup>(1,2,7)</sup>

Na Avaliação do Comportamento Vocal observamos tendência de melhor desempenho do Grupo GT ao longo dos três tempos em relação à Extensão Média. No item Caracterização da Fala, verificamos que as emissões ecológicas, sem funcionalidade e ininteligíveis tenderam à diminuição, especialmente no Grupo GT. Na Faixa da Linguagem houve acréscimo estatisticamente significativo, em ambos os grupos.

Embora a Avaliação do Comportamento Vocal contemple mais especificamente as produções lingüísticas, foi possível avaliarmos as atipias da comunicação por meio do item Caracterização da Fala e de forma complementar, registrar os avanços por meio da análise da Extensão Média e da Faixa da Linguagem.

A exposição das crianças às diferentes situações, tuteladas ou não pelo adulto, permitiu o olhar cuidadoso sobre as inabilidades e habilidades comunicativas da criança.<sup>(1,2)</sup>

Quanto ao diagnóstico multidisciplinar, as crianças com Síndrome de Asperger demonstraram tendência de maior extensão e velocidade no processo evolutivo tanto

na análise do ABC/ICA, quanto nas Avaliações de Interação e Comportamento Vocal. (1,2,7)

De modo geral, as crianças consideradas neste estudo com as mais velhas cronologicamente (73 meses ou mais), apresentaram tendência de maior extensão e velocidade. (1,7)

As crianças com quociente social Normal-Leve-Moderado também apresentaram melhor desempenho. (2,4)

Importante salientar que os avanços tanto na extensão quanto na velocidade do processo evolutivo das crianças puderam ser identificados tanto pelas mães, quanto pela fonoaudióloga. Essa composição de olhares proporcionou complementaridade de informações e o aprofundamento da compreensão do impacto dos desvios sociais no cotidiano das relações interpessoais e uma maior reflexão sobre a dinâmica comunicativa das crianças do espectro autístico assistidas neste estudo. (1,2,5,6,7)

## CONCLUSÃO

Foi possível identificar padrão evolutivo em ambos os grupos, tanto sob a perspectiva das mães quanto dos profissionais, no entanto a associação de ações diretas e indiretas foi mais eficaz na comparação com a implementação apenas de ações indiretas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. American Psychiatric Association – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM IV-Tr. Porto alegre, Artes Médicas, 2002.
2. American Speech-Language-Hearing Association. Guidelines for Speech- Language Pathologists for diagnosis, assessment, and treatment of autism spectrum disorders across the life span. acessado: [www.asha.org/members](http://www.asha.org/members)
3. Thorndike RL; Hagen EP; Satter JM. Stanford Binet Intelligence Scale: Technical Manual. 4ª ed, Riverside Publishing Company, Chicago, 1986.
4. Sparrow SS; Balla DA; Cicchetti DV. Vineland Adaptive Behavior Scales. Circle Pines: American Guidance Service, 1984.
5. Krug D A; Arick J R; Almond P J – Autism screening instrument for educational planning – ASIEP 2 , Pro-ed, Austin, 1993
6. Marteleto MRF – Validade e confiabilidade da escala de comportamentos autísticos (ABC): estudo preliminar. Tese de Mestrado. Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2003.
7. Organização Mundial de Saúde – Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde: CID 10, 10@ revisão, Edusp, São Paulo, 1998

